

# **O Jugo Desigual**

**C. H. Mackintosh**

**Edições Cristãs**

# O JUGO DESIGUAL

**C. H. Mackintosh**

Todo aquele que tem o desejo sincero de ver, tanto nele quanto nos outros, uma condição de discípulo que manifeste uma vida mais pura e elevada não pode deixar de sentir tristeza e abatimento ao contemplar o cristianismo de nossos dias. Seu tom é tão baixo, seu aspecto é tão inosso e seu espírito é tão fraco que muitas vezes sentimo-nos tentados a perder toda a esperança de encontrar algo que se assemelhe a um autêntico e fiel testemunho de um Senhor ausente.

Tudo isto é tanto mais deplorável quando recordamos os motivos imperiosos que, por privilégio especial, deveriam animar-nos.

Seja por considerarmos o Mestre a Quem somos chamados a seguir, seja o caminho pelo qual somos chamados a andar, seja o objetivo em que deveríamos manter fixo o nosso olhar ou as esperanças que deveriam animar-nos, só podemos reconhecer que, se penetrássemos mais na realidade destas coisas e se as mesmas fossem consideradas com uma simples fé, apresentaríamos, certamente, uma vida cristã mais fervorosa.

“O amor de Cristo”, diz o apóstolo, “nos constrange” (2 Coríntios 5.14). Este é o motivo mais poderoso de todos. Quanto mais repleto esteja nosso coração do amor de Cristo e mais fixo nosso olhar em Sua bendita Pessoa, tanto mais perto dEle procuraremos seguir Suas pegadas celestiais. Estas pisadas só podem ser percebidas por uma visão espiritual e, a menos que a vontade própria seja quebrantada, a carne mortificada e o corpo posto em sujeição, fracassaremos completamente em nossa marcha como discípulos e “faremos naufrágio quanto à fé e a uma boa consciência” (1 Timóteo 1.19).

Espero não ser mal interpretado. Aqui não se trata da questão da salvação pessoal. Trata-se de uma coisa totalmente diferente. A atitude mais miserável e egoísta (depois de termos obtido a salvação como o fruto da agonia de Cristo, de Seu suor de sangue, de Sua cruz e de Sua paixão) é manter-nos tanto quanto possível distantes de Sua sagrada Pessoa sem perder nossa segurança pessoal. Isto, até mesmo para a lógica humana só pode ser considerado como um egoísmo digno do mais vigoroso desprezo.

E quando este caráter egoísta é manifestado por uma pessoa que confessa dever tudo o que tem no presente e na Eternidade a um Mestre rejeitado, crucificado, ressuscitado e ausente, nenhuma linguagem poderia expressar esta baixeza moral. “Contanto que eu tenha-me livrado do fogo do inferno, pouco me importa minha vida como um discípulo”. É assim que muitos pensam e agem.

Leitor, acaso é assim que sua alma pensa? Se é assim, então procure veementemente deixar este pensamento e situar-se no polo oposto da bússola e que sua linguagem seja: “Contanto que meu bendito Mestre seja glorificado, pouco me importa minha segurança pessoal”.

Queira Deus que esta seja a sincera expressão de muitos corações hoje em dia, quando, lamentavelmente, se pode dizer que *“todos buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus”* (Filipenses 2.21).

Deus permita que o Espírito Santo, com Seu irresistível poder e com Sua energia celestial, suscite um grupo de discípulos separados do mundo e de devotos seguidores do Cordeiro, ao qual cada um esteja unido mediante os laços do amor; um grupo semelhante aos trezentos de Gideão nos tempos antigos, capaz de confiar em Deus e de renunciar à carne.

E como o coração suspira por isto! O espírito, muitas vezes, submetido à congelante e dessecante influência de uma profissão de fé fria e oca, anela com afincado um mais sincero testemunho quanto Àquele que se despojou a Si mesmo e deixou Sua glória para que nós, por Seu sangue precioso derramado na cruz, pudéssemos ser Seus companheiros numa felicidade eterna!

Entretanto, entre os numerosos obstáculos que se opõem a esta plena consagração a Cristo que eu desejo ardentemente para mim e para os meus leitores, o jugo desigual, tal como o veremos, está entre os primeiros lugares.

*“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como Ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo. Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e Eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso”* (2 Coríntios 6.14-18).

A economia mosaica nos ensina o mesmo princípio moral: *“Não semearás a tua vinha com duas espécies de semente, para que não degenerem o fruto da semente que semeaste e a messe da vinha. Não*

*lavarás com junta de boi e jumento. Não te vestirás de estofos de lã e linho juntamente*” (Deuteronômio 22.9-11). *“Guardarás os Meus estatutos; não permitirás que os teus animais se ajuntem com os de espécie diversa; no teu campo, não semearás semente de duas espécies; nem usarás roupa de dois estofos misturados”* (Levítico 19.19).

Estas passagens da Escritura são suficientes para mostrar o mal moral de um jugo desigual. Pode-se afirmar, com absoluta segurança, que ninguém pode ser um seguidor de Cristo, livre de qualquer empecilho, estando de uma maneira ou de outra, sob um jugo desigual.

Talvez seja uma pessoa salva, um verdadeiro filho de Deus, um crente sincero, mas não pode ser um discípulo cabal, e não somente isto, mas há um obstáculo que impede uma plena manifestação do que ele efetivamente poderia ser.

*“Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e Eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso”* (2 Coríntios 6.17-18).

Isto é como dizer: “Tirem seus pescoços deste jugo desigual e Eu os receberei e então haverá uma plena manifestação, notória e prática, de sua relação com o Senhor Todo-Poderoso”.

Esta ideia é evidentemente diferente da que se expressa na Epístola de Tiago: *“Segundo o Seu querer, Ele nos gerou pela palavra da verdade”* (1.18).

Assim mesmo, na Primeira Epístola de Pedro lemos: *“Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”* (1.23).

Também na Primeira Epístola de João lemos: *“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus”* (3.1).

E no Evangelho de João ainda lemos: *“A todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu Nome”* (1.12-13).

Em todas estas passagens, a relação de filhos baseia-se num ato de Deus e nos é apresentado como se fosse a consequência de um ato que não depende de nós, enquanto que em 2 Coríntios 6, ela nos é apresentada como o resultado de termos rompido com o jugo desigual.

Em outras palavras, aqui se trata de uma questão puramente prática.

No capítulo 5 do Evangelho de Mateus lemos: *“Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste; porque Ele faz nascer o Seu sol sobre os maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos”* (v. 44-45).

Aqui também encontramos o estabelecimento prático e a declaração pública da relação, como também a influência moral que provém dela.

É conveniente que os filhos de tal Pai ajam desta maneira.

Resumindo, temos, por um lado, a posição ou relação de filhos fundamentada na soberana vontade de Deus e na Sua própria atuação e, por outro lado, temos o caráter moral que surge como consequência desta relação, e que provê o terreno apropriado para que Deus, com justiça, reconheça publicamente esta relação.

Deus não pode reconhecer de maneira plena e pública aqueles que estão unidos em jugo desigual com os incrédulos, pois, se o fizesse, isto equivaleria a reconhecer e aceitar este jugo. Ele não pode reconhecer nem as “trevas” nem a “injustiça”, nem “Belial”, nem um “incrédulo”. E como poderia fazê-lo?

Por isso, se eu me uno voluntariamente em jugo desigual com qualquer destas coisas ou pessoas, identifico-me moral e publicamente com ela e não com Deus. Neste caso, me situaria numa posição que Deus não pode reconhecer e, conseqüentemente, tampouco pode reconhecer-me a mim. Entretanto, se abandono esta posição, se “saio e me aparto”, se retiro meu pescoço do jugo desigual, então, e somente então, poderei ser publica e plenamente recebido e reconhecido “como filho ou filha do Senhor Todo-Poderoso”.

Este é um princípio solene e esquadrinhador para todos aqueles que sentem que lamentavelmente se têm colocado sob tal jugo. Eles não seguem como discípulos, nem tampouco estão publica e moralmente sobre o terreno de filhos de Deus. Deus não pode reconhecê-los. Sua secreta relação com Deus não tem nada a ver aqui. O fato é que eles mesmos se têm colocado completamente fora do terreno de Deus. Colocaram seus pescoços insensatamente num jugo que, por não ser o jugo de Cristo, tem que ser necessariamente o de Belial e, enquanto não abandonem este jugo, Deus não pode reconhecê-los como Seus filhos e filhas.

A graça de Deus, no entanto, é infinita e pode vir ao nosso encontro em todos os nossos fracassos e fraquezas. Se nossas almas almejam por uma vida mais elevada como discípulos, devemos abandonar imediatamente o jugo desigual, custe o que custar, se o pudermos fazer. Caso contrário, só nos resta inclinar a cabeça com vergonha e pesar e olhar para Deus para uma completa liberação.

**.oOo.**

Há quatro aspectos diferentes em que podemos considerar o jugo desigual:

- 1) O doméstico ou matrimonial;
- 2) O comercial;
- 3) O religioso;
- 4) O filantrópico ou caritativo.

**.oOo.**

Alguns crentes talvez estejam dispostos a restringir o sentido de 2 Coríntios 6.14 ao primeiro destes quatro aspectos, mas o apóstolo não age assim.

Suas palavras são: *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos”*.

Ele não especifica o caráter ou objeto deste jugo, o que nos autoriza a dar a esta passagem bíblica a mais ampla aplicação, deixando que a palavra cause efeito em todo tipo de jugo desigual e veremos, se o Senhor o permitir, a importância desta maneira de agir antes que concluamos estas observações.

**.oOo.**

# 1

## **O JUGO DESIGUAL MATRIMONIAL**

**Consideremos, inicialmente,** o jugo doméstico ou conjugal.

Que escritor seria capaz de descrever as angústias de alma, a miséria moral, como também as perniciosas consequências para a vida espiritual e para o testemunho que surgem como resultado do casamento de uma pessoa crente com uma pessoa não convertida?

Creio que nada poderia ser mais deplorável que a condição de alguém que descobre, quando já é tarde demais, que se uniu por toda a vida com uma pessoa com a qual não pode ter um único pensamento ou sentimento em comum.

Um deseja servir a Cristo; o outro pode servir unicamente ao Diabo. Um suspira pelas coisas de Deus; o outro só aspira às coisas deste mundo. Um procura mortificar veementemente a sua carne com todos seus afetos e desejos; o outro só pensa em atender a seus desejos e satisfazer sua natureza.

Pode-se fazer uma comparação com uma ovelha e um bode amarrados um ao outro. A ovelha desejará comer os verdes pastos do campo, enquanto que o bode suspirará pelas sarças que crescem no meio do matagal.

A triste consequência é que os dois passarão fome. Um não quer comer o pasto do campo e o outro não quer alimentar-se com a sarça do matagal e assim, nem um nem o outro obtêm o que requer a sua natureza, a não ser que o bode, devido a sua maior força, consiga carregar sua companheira (que está com ele sob o mesmo jugo) às sarças, para mantê-la ali até que ela desfaleça e morra.

O ensino moral disto é bastante simples e, infelizmente, trata-se de um fato que ocorre muito a miúdo. O bode, geralmente, consegue seu objetivo. O cônjuge mundano quase sempre consegue sair-se vencedor.

Quase sem exceção, no caso do jugo desigual matrimonial, o pobre crente é o que sofre, evidenciando os frutos amargos de uma má consciência, um coração abatido, um espírito sombrio e uma mente deprimida. Está pagando um preço muito elevado por ter cedido a uma satisfação de afeto natural ou à aquisição, talvez, de alguma miserável vantagem mundana.

Um matrimônio assim é um golpe mortal contra o cristianismo prático e contra o progresso espiritual. É moralmente impossível ser um discípulo de Cristo sem limitações, tendo o pescoço sob o jugo matrimonial com um incrédulo.

Um atleta nos Jogos Olímpicos ou nos Jogos Ístmicos não teria esperado conseguir a vitória com o seu corpo carregando um fardo pesado ou um corpo morto. Já é difícil carregar o próprio corpo sem acrescentar-lhe outro. Jamais houve um verdadeiro cristão que não esteja sumamente ocupado em combater, com todo o seu esforço, os males de seu próprio coração, e o que seria carregar os males de duas pessoas!

Assim, o homem cristão que, com insensatez e em aberta desobediência, casa com uma mulher não convertida, ou a mulher cristã que casa com um homem não convertido, está carregando uma grande variedade de males que estão em dois corações. E quem é capaz disto?

Um crente pode contar, em forma absoluta, com a graça de Cristo para conseguir subjugar sua própria natureza perversa, mas não pode

contar, da mesma maneira, com esta graça no que se refere à perversa natureza de seu cônjuge não convertido.

Se o crente se pôs neste jugo em ignorância, o Senhor virá em sua ajuda, sob a base de uma plena confissão e levará sua alma a uma completa restauração; entretanto, sua condição de discípulo não a recuperará jamais.

Paulo podia dizer: “Esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado”. E disse isto em relação à luta para obter o prêmio: *“Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar”* (1 Coríntios 9.24-27).

Não se trata aqui de uma questão de salvação, mas simplesmente de uma questão de corrida no estádio, de correr de tal maneira a obtermos o prêmio, não a vida, mas uma coroa incorruptível.

O fato de sermos chamados a correr subentende que já temos a vida antes de começar a correr e, portanto, não a poderemos perder, embora talvez não ganhemos a coroa prometida, pois aqui o que se propõe não é a vida, mas o prêmio a ser obtido.

Não somos chamados a correr para conseguir a vida, pois que ela não provém daquele que corre, mas provém de Deus que a dá pela fé no Senhor Jesus Cristo, que, por Sua morte, conseguiu a vida para nós e no-la comunica pelo poder do Espírito Santo.

E esta vida, por ser a vida de um Cristo ressuscitado, é eterna, pois Ele é o Filho eterno, como Ele mesmo disse ao Pai em João 17.2: *“Lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que Ele conceda a vida eterna a todos os que Lhe deste”*. Esta vida é dada gratuitamente e sem nenhuma condição. Ele não nos dá a vida, como pecadores, para depois chamar-nos a correr a fim de obtê-la, como santos, com a possibilidade de perder esta preciosa graça ao tropeçarmos em nossa carreira.

Isto seria correr na incerteza, tal como muitos tratam de correr, dizendo que estão na corrida ou vida cristã, sem, contudo, saberem se têm ou não a vida. Estas pessoas correm para conseguir a vida e não uma coroa. Mas Deus não oferece a vida no fim da corrida no estádio, como prêmio ao vencedor. Ele a dá no ponto de partida, como a força a nos ajudar na corrida.

A capacidade de correr e o objetivo após o qual corremos são duas coisas totalmente diferentes; no entanto, elas são constantemente confundidas por aqueles que ignoram o glorioso Evangelho da graça de Deus, no qual Cristo é manifestado com a vida e a justiça de todos



quantos creem em Seu Nome e, ainda, como o dom gratuito de Deus e não como a recompensa por ter corrido bem.

Agora consideremos as terríveis e perniciosas consequências de um jugo desigual matrimonial, principalmente por sua influência em relação a nossa vida como discípulos. Digo “principalmente” por que afeta profundamente todo o nosso ser moral e todas as nossas experiências. Duvido da existência de um outro meio mais destrutivo à prosperidade na vida cristã que colocar-se sob um jugo desigual.

Na realidade, só o fato de tê-lo contraído já demonstra que o declínio na vida espiritual já começou e com os mais alarmantes sintomas. E quanto à sua condição de discípulo e a seu testemunho, já podem ser considerados como uma lâmpada quase extinta e se, ocasionalmente, der uma luz tênue e vacilante, seria o testemunho de uma miserável posição e as terríveis consequências de ter-se unido em jugo desigual com uma pessoa incrédula.

Até aqui tenho falado do jugo desigual em relação à influência que ele exerce na vida, no caráter, no testemunho como discípulo de um filho de Deus.

Agora quero dizer algumas palavras em relação ao aspecto moral, tal como se manifesta no círculo doméstico. Aqui também as consequências são verdadeiramente desastrosas. E não poderia ser de outra maneira. Duas pessoas se uniram para viver na mais estreita e íntima relação, com gostos, hábitos, sentimentos, desejos, tendências e aspirações diametralmente opostos. Não têm nada em comum e qualquer movimento que um faça molestará ao outro.

O incrédulo, na realidade, não pode andar com o crente e se, devido a uma extrema amabilidade ou a uma profunda hipocrisia, houver uma aparente harmonia, aparentando que tudo está bem, que valor isto teria aos olhos do Senhor, o Qual julga, não as aparências externas, mas o verdadeiro estado do coração em relação a Ele? Certamente, pouco ou nada e Ele diria que todo este esforço é inútil.

Assim, insisto, se o crente infelizmente tivesse que concordar em algum ponto com seu companheiro de jugo, só o poderia fazer com prejuízo de sua condição de discípulo, o que traria como consequência uma consciência que o condenaria perante o Senhor.

Isto redundaria num espírito sombrio e provavelmente num temperamento áspero que se manifestarão no círculo familiar, de maneira que a graça do Evangelho não será evidenciada e nem o incrédulo atraído ou ganho para Cristo.

O jugo desigual parece, pois, sob todo e qualquer ponto de vista, algo mui triste. Desonra a Deus; atenta contra o bem-estar espiritual; tende a prejudicar a condição de discípulo e o testemunho e é completamente contrário à paz e à bênção domésticas.

Contudo, se isto não acontecesse, pelo menos faria com que o crente perdesse seu caráter de discípulo e sua boa consciência podendo ser tentado a sacrificar ambas as coisas sobre o altar da paz doméstica. Assim, pois, seja sob qualquer ponto de vista, o jugo desigual só pode levar às consequências mais deploráveis.

Em relação aos filhos, são igualmente tristes as consequências. Naturalmente, as crianças inclinam-se a seguir o exemplo do pai ou da mãe não crentes. *“Seus filhos falavam meio asdodita e não sabiam falar judaico, mas a língua de seu respectivo povo”* (Neemias 13.24).

Não pode haver união de corações na educação dos filhos; nenhuma harmonia, nenhuma confiança mútua em seu trato. Um deseja criá-los na disciplina e admoestação do Senhor; o outro, segundo os preceitos do mundo, da carne e do diabo. E, como as simpatias das crianças, à medida que vão crescendo, são propensas a tomar este último lado, não é difícil prever o que vai acontecer no fim.

Resumidamente, arar num “jugo desigual” ou semear no campo “mistura de sementes” é um esforço vão, inconveniente e anti-escriturístico, que só pode produzir sofrimentos e confusão (1).

Antes de encerrar esta parte de nosso assunto, quero fazer uma observação sobre as razões que geralmente levam os cristãos a assumir o jugo desigual no matrimônio.

Lamentavelmente, todos sabemos como é difícil o pobre coração convencer-se de que não é correta uma determinada decisão que deseja tomar e como o diabo nos proporciona argumentos plausíveis para persuadir-nos de que aquela decisão é correta, argumentos estes que o triste estado moral de nossa alma nos faz considerar como claros, satisfatórios e conclusivos.

Somente o fato de termos dado lugar a estes pensamentos demonstra que somos incapazes de considerar, com uma mente lúcida e com uma consciência espiritualmente justa, as graves consequências de tal decisão.

Se nosso olhar fosse sincero (isto é, se fôssemos governados por um único objetivo: a glória e a honra de nosso Senhor Jesus Cristo), nunca contemplaríamos a ideia de colocar nosso pescoço sob um jugo desigual e, portanto, não teríamos dificuldades nem estaríamos perplexos a respeito deste assunto.

Um atleta que tem os olhos fixos na coroa não teria nenhuma dúvida quanto a se deveria amarrar determinado peso ao pescoço. Jamais passaria pela sua cabeça pensamento semelhante e não somente isso, mas um atleta escrupuloso possui uma clara e intuitiva percepção de tudo aquilo que pode representar um obstáculo a sua corrida. E, certamente, qualquer obstáculo que ele percebesse a atrapalhar sua corrida, seria rejeitado com a maior firmeza (2).

Se acontecesse o mesmo com os cristãos em relação ao matrimônio antiescriturístico, evitariam um mundo de sofrimentos e de perplexidades, mas não é assim. O coração procura escapar da comunhão com o Senhor e é moralmente incompetente para discernir as coisas que não convêm e, enquanto persiste nesta condição, o diabo ganha terreno com facilidade e, a seguir, consegue êxito em seus perniciosos esforços para induzir o crente a unir-se em jugo desigual com “Belial”, com a “injustiça”, com as “trevas”, com um “incrédulo”.

Quando a alma goza de plena comunhão com Deus é inteiramente submissa à Sua Palavra, vê as coisas tal como Deus as vê e as chama da mesma maneira como Ele as chama e não como o Diabo ou seu próprio coração carnal as quer chamar.

Desta maneira, o crente escapa ao laço e à influência de um engano do qual quase sempre é vítima nesta questão: uma falsa profissão de fé da pessoa com quem deseja contrair matrimônio. Isto acontece muito a miúdo. É fácil simular inclinação pelas coisas de Deus e o coração é bastante vil e pérfido para fazer uma profissão religiosa a fim de conseguir o seu objetivo e não somente isto, mas o diabo, “que se disfarça como anjo de luz”, provocará esta falsa profissão a fim de aprisionar o mais eficazmente possível os pés e as mãos de um filho de Deus.

Deste modo, faz com que os cristãos se contentem ou pareçam contentar-se com uma conversão que, em outras circunstâncias, teriam considerado totalmente duvidosa. Mas, lamentavelmente, a experiência não demora a abrir os olhos para a realidade destas coisas. Logo se descobre que a profissão não era mais do que uma vã aparência e que o coração está inteiramente no mundo e é do mundo. Terrível descoberta! Quem poderia expressar as amargas consequências de tal descoberta, as angústias do coração, as reprovações e os remorsos da consciência, a vergonha e a confusão, a perda do poder, da paz, da bênção e do gozo espirituais e o sacrifício de uma vida útil? Quem poderia descrever todas estas coisas?

O homem, acordado de seu sonho ilusório, abre os olhos diante da espantosa realidade de que se uniu por toda a vida sob o mesmo jugo com “Belial”. Sim, é assim que o Espírito o chama.

Isto não é uma consequência ou dedução a que se chega após um processo de raciocínio, mas uma simples e positiva declaração da Santa Escritura para confrontar todo aquele que se pôs sob um jugo conjugal bíblicamente desigual, quaisquer que sejam os motivos, as razões ou as falsas aparências que o tenham seduzido.

Oh, meu querido leitor cristão, se você está em perigo de colocar-se sob um jugo semelhante, permita-me suplicar-lhe insistentemente e

com muito afeto que se detenha e considere este assunto na balança do Santuário, antes de dar um único passo adiante neste fatal caminho!

Pode estar certo que, assim que dê este passo, seu coração estará em lamentos desesperados e sua vida estará cheia de amargos e inumeráveis pesares! **Que nada no mundo o leve a unir-se em jugo desigual com um incrédulo!**

Você tem sua afeição comprometida? Então lembre-se que esta afeição não pode ser da nova criatura em Cristo. Tal afeição (esteja bem certo disto) provém da velha natureza carnal, a qual somos chamados a fazer morrer e desprezar.

Devemos, pois, clamar a Deus a fim de que nos dê o poder espiritual necessário para deixarmos a influência de tal afeição, inclusive sacrificando-a por amor a Ele.

E eu lhe pergunto: Estão comprometidos seus interesses? Lembre-se que, neste caso, eles são apenas **seus** interesses e se eles são favorecidos então os interesses de Cristo são sacrificados ao unir-se você em jugo desigual com “Belial”. Além disto, aqui se trata apenas de seus interesses temporais e não dos que são eternos.

Os interesses do crente e os de Cristo deveriam ser idênticos e é evidente que os interesses de Cristo, Sua honra, Sua verdade, Sua glória, são inevitavelmente sacrificados quando um de Seus membros se associa com “Belial”.

O que são alguns centos ou milhares de reais para um herdeiro do céu? Deus pode dar-lhe muito mais do que isto. Sacrificaríamos a verdade de Deus, assim como a nossa própria paz, prosperidade e felicidade espirituais por uma quantia vil e insignificante de bens materiais, coisas que perecerão pelo seu uso?

Oh, não! Que Deus não o permita! Fugamos disto como faz uma ave ao ver e perceber uma armadilha. Assumamos um discipulado firme, autêntico e sincero; tomemos a faca e sacrifiquemos no altar de Deus todos os nossos afetos e interesses pessoais.

Então, mesmo que não ouçamos nenhuma voz dos céus aprovando nosso ato, contudo teremos o invariável testemunho de uma consciência que aprova e de um Espírito não contristado, o que será certamente uma rica recompensa para o sacrifício mais custoso que pudéssemos fazer.

Queira o Espírito de Deus dar-nos o poder necessário para resistir às tentações de Satanás!

Apenas temos que observar agora que, nos casos em que a conversão tenha acontecido após o casamento, a questão muda inteiramente de aspecto. Neste caso, não haverá reprovação feita pela consciência, por exemplo, e tudo se verá modificado numa grande quantidade de detalhes.

Sem dúvida, também se enfrentarão dificuldades, provações e aflições. A única grande diferença é que o crente pode levar sua provação e aflição à presença do Senhor, não tendo caído de forma voluntária e deliberada neste problema. E bendito seja o Senhor, pois sabemos que Ele está disposto a perdoar, restabelecer e purificar de toda injustiça a alma que confessa plenamente seus erros e fracassos.

Isto pode consolar o coração daquele que tem sido levado aos pés do Senhor após seu casamento. Além do mais, o Espírito do Senhor lhe tem dado direções especiais e preciosas consolações nesta passagem: *“Se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido. Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos... Pois, como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?”* (1 Coríntios 7.12-16).

.oOo.

## 2

# O JUGO DESIGUAL COMERCIAL

**Consideremos agora** o jugo desigual em seu aspecto comercial, tal como o vemos nas sociedades comerciais (3).

Embora não apresente um problema tão sério como o que acabamos de considerar, pois que, neste que vamos a considerar agora, o crente pode livrar-se com maior facilidade do que o jugo conjugal, não deixa de ser um obstáculo positivo para o testemunho do crente.

Quando um crente se une em jugo desigual com um incrédulo para fins comerciais, seja ou não parente o sócio incrédulo, ou quando chega a ser sócio de uma empresa do mundo, ele abandona virtualmente sua responsabilidade individual.

Daí em diante, todos os atos desta razão social serão também seus próprios atos e é evidente que não se pode fazer com que uma firma comercial estabelecida sobre princípios mundanos atue sobre a base de

princípios cristãos. Todos ririam com semelhante ideia, pois que representaria um obstáculo para o êxito de suas operações.

Os sócios mundanos se sentirão completamente livres para adotar os recursos que lhes pareçam convenientes a fim de levar adiante seus negócios e os meios usados poderão ser, e muitas vezes são, contrários ao espírito e aos princípios do reino de Deus, onde está o crente, e da Igreja da qual ele faz parte.

Por isso, um cristão associado a um incrédulo se encontrará continuamente numa posição extremamente penosa. Ele até pode usar sua influência para “cristianizar” o modo de conduzir os negócios, mas os outros sócios o obrigarão a tratar os negócios da mesma maneira que o fazem todos e acabará derramando lágrimas em secreto por sua anômala e difícil posição, ou então acabará deixando a empresa, sofrendo uma grande perda pecuniária para si e para a sua família.

Com uma visão espiritual não haverá dúvida quanto à solução a ser adotada, mas o simples fato de estar o crente nesta situação já demonstra a falta de uma visão espiritual para apreciar o valor e a autoridade dos princípios divinos, os quais certamente, se adotados, fariam o cristão deixar tal associação.

Um crente com visão espiritual não teria diante de si nenhum outro alvo a não ser a glória de Cristo e este alvo jamais poderá ser alcançado pela transgressão a um princípio divino.

Isto simplifica todo o assunto. Se o fato de um cristão ser sócio de uma empresa mundana não glorifica a Cristo, então, sem a menor dúvida, favorece os desígnios do Diabo. Não existe uma posição intermediária entre estes dois extremos.

E é claro que Cristo não é glorificado neste caso, pois a Palavra diz: *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos”* (2 Coríntios 6.14). Trata-se de um princípio que não pode ser violado sem prejudicar o testemunho e sem perder bênçãos espirituais.

É verdade que a consciência de um cristão que peca neste assunto pode procurar aliviar-se de várias maneiras. Ele pode arrumar subterfúgios; pode apresentar diversos argumentos para persuadir-se que tudo está bem. Dirá até que “podemos ser mui devotos e espirituais em relação ao aspecto pessoal, mesmo que nos encontremos, em assuntos comerciais, sob um mesmo jugo com um incrédulo”.

A experiência diária demonstra que isto é apenas um argumento enganoso e falaz. Um servo de Cristo se verá travado de mil e uma maneiras por sua associação mundana. Se em relação a seu serviço para Cristo ele não encontrar uma hostilidade declarada, terá que lutar contra os esforços secretos e constantes do inimigo para apagar seu ardente zelo, que estará jogando água fria sobre seus projetos.

Receberá gozações e desprezo e será lembrado continuamente do efeito que seu entusiasmo e fanatismo produzirá no que diz respeito às atividades comerciais da firma. Se o crente emprega seu tempo, seus talentos e seus recursos financeiros para o que crê ser o serviço do Senhor, lhe dirão que é um tolo e um louco e lhe dirão que o único modo conveniente e razoável de servir ao Senhor para um homem de negócios ocupado no comércio é “dedicar-se a seus negócios e a nada mais do que a seus negócios”.

Argumentarão, ainda, que esta é a dedicação exclusiva de pastores e ministros ocupados nos assuntos religiosos, pois eles se dedicam a isto e são pagos para isto.

Embora a mente renovada de um cristão possa estar totalmente convencida da falácia de todos estes argumentos, ainda que seja capaz de perceber que esta sabedoria humana é apenas um fraco manto lançado sobre as ambiciosas práticas do coração, contudo quem poderá dizer até que ponto o coração pode ser influenciado por tais argumentos?

Cansados de estar sempre resistindo, nadando contra a corrente, ela se torna forte demais para nós e, pouco a pouco, vamos cedendo e nos deixamos arrastar por ela. Talvez a consciência intente realizar alguns movimentos de resistência, mas a energia espiritual está paralisada e a sensibilidade da nova natureza está debilitada. Assim, nada responde aos clamores da consciência, não há nenhum esforço suficientemente poderoso para resistir ao inimigo.

O mundanismo de um cristão fica ligado à influência contrária de fora, as obras exteriores são atacadas pela tormenta e a cidadela da alma é vigorosamente assaltada e, finalmente, tal homem sucumbe a uma vida de completo mundanismo, experimentando em si mesmo o comovedor lamento do profeta: *“Os seus príncipes eram mais alvos do que a neve, mais brancos do que o leite; eram mais ruivos de corpo do que os corais e tinham a formosura da safira. Mas, agora, escureceu-se-lhes o aspecto mais do que a fuligem; não são conhecidos nas ruas; a sua pele se lhes pegou aos ossos, secou-se como uma madeira”* (Lamentações 4.7-8).

Esse homem, que um dia era conhecido como servo de Cristo, um colaborador para o reino de Deus, que fazia uso de seus recursos só para fomentar os interesses do Evangelho de Cristo, agora, lamentavelmente, é conhecido apenas como um astuto e infatigável negociante que faz grandes e vantajosos negócios, de quem o apóstolo Paulo bem poderia dizer: *“Tendo amado o presente século, me abandonou e se foi...”* (2 Timóteo 4.10).

Mas talvez não haja nada que atua tanto sobre o coração para induzir os cristãos a se colocarem sob um mesmo jugo comercial com

os incrédulos do que o hábito de procurar manter ao mesmo tempo as duas características: de cristão e de negociante.

Esta é uma armadilha lamentável. Realmente, tal coisa não existe. Um homem deve ser ou uma coisa ou outra. Se sou cristão, meu cristianismo deve manifestar-se como uma realidade vivente na posição onde me encontre.

E se não posso manifestá-lo onde estou, então não devo permanecer mais ali, pois, se continuo numa esfera de atividade ou numa posição na qual a vida de Cristo não pode manifestar-se, logo não possuirei de cristianismo nada mais do que o nome, sem a realidade; terei a forma exterior, mas não o poder interior, terei a casca sem a amêndoa.

Eu devo ser um servo de Cristo não apenas no domingo, mas também desde a segunda-feira pela manhã até o sábado à noite. Não devo ser somente um servo de Cristo numa igreja pública, mas também em meu posto de trabalho, em minhas ocupações seculares, quaisquer que elas sejam.

Mas não posso ser um verdadeiro servo de Cristo se tenho posto meu pescoço sob um jugo com um incrédulo. Como é possível que servos de donos inimigos possam trabalhar sob o mesmo jugo? É absolutamente impossível, é tão impossível como tentar unir os raios solares do meio-dia com as profundas trevas da meia-noite.

E aqui faço um solene chamado à consciência de meus leitores, na presença do Deus Todo-Poderoso, o Qual julgará os segredos do coração dos homens por Jesus Cristo, também com relação a este importante assunto.

Se você está pensando em unir-se em sociedade com um incrédulo, quero dizer-lhe: **Fuja disto já!** Sim, fuja já, ainda que esta sociedade lhe prometa milhões.

Caso contrário, você se afundará num labirinto de dificuldades e dores. Estará “arando” o campo com uma pessoa cujos sentimentos, instintos e tendências são diametralmente opostos aos seus. “Um boi e um jumento” não são tão diferentes em seu aspecto como um crente e um incrédulo.

Como vocês poderiam alguma vez concordar? Ele quer ganhar dinheiro, agir de acordo com as trapaças do mundo e progredir a todo custo. No entanto, você sente a necessidade (ou deveria sentir) de crescer na graça e na santidade, de promover os interesses de Cristo e de Seu Evangelho na terra e de prosseguir rumo ao reino eterno de nosso Senhor Jesus Cristo.

O alvo da parte não convertida é o dinheiro; o seu (espero que seja) é Cristo. Ele vive para este mundo; você vive para o mundo vindouro.



Ele está ocupado nas coisas desta vida; você, nas que pertencem à Eternidade.

Seus princípios, motivações, objetivos e esperanças são completamente opostos. Como é possível terem algo em comum? Vocês não estão no mesmo terreno.

Creio que é suficiente considerar tudo isto com uma visão espiritual para ter uma visão real. É impossível que alguém que tem o olhar fixo em Cristo e o coração cheio dEle possa alguma vez unir-se sob um jugo desigual com um sócio mundano seja para qualquer objetivo.

Permita-me, pois, estimado leitor cristão, suplicar-lhe uma vez mais antes que você dê um passo trágico (um passo que pode trazer consequências funestas, cheio de perigos para seus melhores interesses como também para o testemunho de Cristo) que considere este assunto com um coração honesto no santuário de Deus e o considere na balança sagrada.

Pergunte a Deus o que Ele pensa disto e escute Sua resposta com uma vontade submissa e uma boa consciência. Ela é simples e poderosa como se caísse diretamente do céu: *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos”*.

Mas se, infelizmente, meu leitor já está sob este jugo, quero aconselhá-lo: Quebre este jugo o mais depressa possível. Ficarei admirado se até aqui você ainda não descobriu que este jugo é uma pesada carga. Sem dúvida, você já conhece perfeitamente as consequências de tal posição. Certamente já as conhece perfeitamente. Seria inútil imprimi-las num papel ou desenhá-las num quadro para aquele que já as conhece efetivamente.

Meu querido irmão em Cristo, não perca nem um momento mais para renunciar a este jugo. Precisa fazê-lo na presença do Senhor, de acordo com Seus princípios e contando com a Sua graça.

Sei que é mais fácil meter-se numa falsa posição do que sair dela. Uma sociedade que vem de dez ou vinte anos não pode ser dissolvida num momento só. Esta dissolução deve ser tratada com calma, com humildade e com oração, na presença do Senhor e para a Sua glória.

Eu posso desonrar ao Senhor tanto por minha maneira de sair de uma falsa posição como por entrar nela. Por isso, se estou associado com um incrédulo e minha consciência me acusa, dizendo-me que agi errado, é necessário que declare honesta e francamente a meu sócio que já não poderei mais continuar com ele.

E, uma vez feito isto, meu dever é realizar todos os esforços possíveis para que os assuntos da firma sejam liquidados com retidão, com boa fé e com seriedade, a fim de não dar ocasião ao adversário de

falar de maneira injuriosa e que o bem que faço não seja motivo de calúnias.

Devemos evitar a precipitação, a imprudência e a presunção quando atuamos claramente para o Senhor e em defesa de Seus santos princípios. Se um homem se encontra preso numa armadilha ou perdido num labirinto, não é por ousados e violentos movimentos que se verá livre.

Ele deverá humilhar-se, confessar seu pecado perante o Senhor e, a seguir, voltar sob seus passos com paciência e numa inteira dependência da graça, que não é capaz apenas de perdô-lo por ter-se metido numa posição pecaminosa, mas também de encaminhá-lo e introduzi-lo numa boa posição.

Assim como acontece com o jugo conjugal, a questão também é inteiramente modificada quando a sociedade foi contraída antes da conversão. Com isto não estou dizendo que isto seja uma justificativa para que o recém convertido continue em tal sociedade. De maneira nenhuma, mas isto nos evitará muitos sofrimentos de coração e manchas de consciência relacionados com tal posição, o que deveria influir consideravelmente no modo de retirar-se da sociedade.

Por outro lado, o Senhor é glorificado pela inclinação moral do coração e da consciência na direção correta, e você certamente contará com Sua aprovação.

Se, estando num mau caminho, me julgo a mim mesmo e a inclinação moral de meu coração e de minha consciência produzem em mim o desejo de sair, Deus o aceitará e, sem a menor dúvida, me colocará num bom caminho. Mas, ao fazê-lo, Ele não tolerará que eu viole uma verdade ao procurar obedecer outra.

A mesma Palavra que diz: *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos”* também diz: *“Pagai a todos o que lhes é devido... De modo que vos porteis com dignidade para com os de fora”* (Romanos 13.7-8; 1 Tessalonicenses 4.12).

Se eu tenho ofendido a Deus ao associar-me com um incrédulo, devo guardar-me de ofender a qualquer homem pela maneira de separar-me desta sociedade.

Uma profunda submissão à Palavra de Deus, pelo poder do Espírito Santo, porá todas as coisas em ordem, nos conduzirá por caminhos retos e nos dará a capacidade de evitar extremos perigosos.

**.oOo.**

# 3

## O JUGO DESIGUAL RELIGIOSO

**Ao estudarmos o aspecto religioso** do jugo desigual, quero assegurar-lhe, prezado leitor, que de nenhuma maneira é meu desejo ferir os sentimentos de ninguém descrevendo as pretensões das diferentes denominações existentes ao nosso redor. Em absoluto, não é esta minha intenção.

O nosso assunto tem sido suficientemente importante para fazer-lhe sombra tratando de outras questões. Nosso tema tem sido e é **O Jugo Desigual** e nele continuaremos centrando nossa atenção.

Ao percorrer as Escrituras, encontramos inúmeras passagens que expressam este espírito de separação que deveria sempre caracterizar o povo de Deus.

Quer a nossa atenção se dirija ao Antigo Testamento (onde vemos Deus em Seu relacionamento com Seu povo terreno, Israel, e em Seus tratos com ele), quer ao Novo Testamento (onde temos o relacionamento de Deus com Seu povo celestial, a Igreja, e Seus tratos com ela), encontramos sempre a mesma verdade posta em evidência de maneira proeminente, a saber, a inteira separação daqueles que pertencem a Deus.

A posição de Israel é reafirmada na parábola de Balaão: *“É povo que habita só e não será reputado entre as nações”* (Números 23.9). Seu lugar era fora das nações da terra e eles eram responsáveis por manter esta separação.

Ao longo dos cinco livros de Moisés, foram instruídos, advertidos e admoestados a este respeito e nos Salmos e nos Profetas registram-se seus fracassos por não manterem esta separação, fracassos que, como bem sabemos, ocasionaram os severos juízos da mão de Deus.

Este breve artigo se transformaria num grosso volume se tão somente me propusesse citar todas as passagens que se referem a este ponto. Quero crer que o meu leitor conhece o suficiente da Bíblia para fazer desnecessárias tais citações.

Mas, se o leitor não estiver suficientemente versado no estudo da Bíblia, pode procurar em sua Concordância as passagens onde se acham as palavras “separar” e “separação”, o que será suficiente para

dar-lhe um panorama de todo o conjunto de evidências que a Escritura apresenta sobre este tema.

A passagem de Números, que citei, é a expressão dos pensamentos de Deus acerca de Seu povo Israel: *“É povo que habita só”*.

É o mesmo (só que num terreno muito mais elevado) com respeito ao povo celestial de Deus, a Igreja, o Corpo de Cristo, composta por todos os verdadeiros crentes. Eles também são um povo separado.

Examinemos agora o princípio desta separação. Há uma grande diferença entre estar separados sobre a base do que **nós** somos e estaremos separados sobre a base do que **Deus** é. O primeiro faz do homem um **fariseu**; o último o faz um **santo**.

Se eu disser a um dos meus semelhantes, também pecadores: *“Fica onde estás, não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu”* (Isaías 65.5), sou um detestável fariseu e hipócrita, mas Deus, em Sua infinita condescendência e em Sua perfeita graça, me diz: “Eu te pus em relação comigo, na pessoa de Meu Filho Jesus Cristo; portanto, sê santo e separado do mal; sai do meio deles e separa-te deles”.

Então eu tenho a obrigação de obedecer e minha obediência é a manifestação prática de meu caráter de santo, caráter que possuo não por causa de alguma virtude que haja em mim, mas simplesmente porque Deus me atraiu para junto de Si pelo precioso sangue de Cristo.

É bom e necessário que tenhamos isto em vista. O farisaísmo e a santificação divina são duas coisas bem diferentes e, no entanto, constantemente são confundidas.

Aqueles que se esforçam para conservar este lugar de separação que pertence ao povo de Deus são constantemente acusados de julgar-se acima de seus semelhantes e de pretender ter um grau mais elevado de santidade pessoal que os outros possuem.

Esta acusação surge por não se prestar atenção à distinção que acabamos de citar. Quando Deus chama os homens para separar-se, o faz na base do que Ele fez a favor deles na cruz e do lugar que lhes tem sido designado numa eterna associação com Ele na Pessoa de Cristo.

Mas se eu me separo na base do que eu sou por mim mesmo será a mais absurda e fútil presunção e que mais cedo ou mais tarde será manifestada.

Deus manda Seu povo ser santo na base do que Ele mesmo é: *“Sede santos, porque Eu sou santo”* (1 Pedro 1.16). Isto, evidentemente, é bem diferente de: “Não se aproxime de mim, porque sou mais santo do que você”.

Se Deus pôs os homens em relação com Ele, então Ele tem o direito de prescrever qual deve ser seu caráter moral e eles têm a responsabilidade de corresponder. Assim, pois, vemos que a mais profunda humildade constitui a base da separação de um santo.

Nada é mais adequado para eliminar nossa presunção do que eu conhecer a verdadeira natureza da santidade divina.

É uma humildade inteiramente falsa aquela que surge de nos contemplarmos a nós mesmos. Realmente, esta presunção está baseada no orgulho pessoal e é uma prova que a pessoa ainda não chegou à contemplação de sua própria e total indignidade.

Alguns se imaginam poder alcançar a mais profunda e verdadeira humildade ao contemplar-se a si mesmos, enquanto que o que devemos contemplar é Cristo. É como expressa o poeta:

“Quanto mais de Tuas glórias  
Vislumbrem meus olhos,  
Tanto mais humilde serei”.

Este é um sentimento justo, baseado em um princípio divino. A alma que descansa na contemplação da glória moral de Cristo é verdadeiramente humilde como nenhuma outra.

Temos motivos para humilhar-nos, sem dúvida alguma, quando pensamos nas pobres criaturas que somos, mas é suficiente reflexionar um pouco e de maneira justa para ver que é puro engano querer produzir algum bom resultado prático ao contemplar-se a si mesmo.

Somos verdadeiramente humildes quando nos encontramos na presença de uma excelência infinita. Por isso um filho de Deus deveria recusar carregar o jugo com um incrédulo, seja para fins domésticos, comerciais ou religiosos, simplesmente porque Deus lhe diz que se separe e não por causa de sua suposta santidade pessoal.

Pôr em prática este princípio em matéria religiosa certamente implica em muitas provas e dores; quem o fizer será tachado de intolerância, fanatismo, visão limitada, exclusivismo, etc., mas nada podemos fazer para remediar isto.

Contanto que nos mantenhamos separados segundo um princípio justo e com um espírito reto, podemos, sem temor, deixar por conta de Deus todos os resultados.

Sem dúvida, o remanescente dos dias de Esdras podia parecer excessivamente intolerante ao recusar a cooperação dos povos circunvizinhos para a construção da casa de Deus, mas, ao rejeitar esta ajuda, eles agiram sobre um princípio divino.

*“Ouvindo os adversários de Judá e Benjamim que os que voltaram do cativeiro edificavam o templo ao Senhor, Deus de Israel, chegaram-se a Zorobabel e aos cabeças de famílias e lhes disseram: Deixai-nos edificar convosco, porque, como vós, buscaremos o vosso Deus; como também já Lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos fez subir para aqui”* (Esdras 4.1-2).

Esta parecia uma proposta muito atrativa, uma proposta que manifestava uma decidida inclinação para com o Deus de Israel; no entanto, o remanescente a rejeitou porque estas pessoas, apesar de sua bela profissão, no fundo eram apenas incircuncisos e adversários.

*“Porém Zorobabel, Jesua e os outros cabeças de famílias lhes responderam: Nada tendes conosco na edificação da casa a nosso Deus; nós mesmos, sozinhos, a edificaremos ao Senhor, Deus de Israel”* (Esdras 4.3).

Eles não quiseram carregar o jugo com os incircuncisos; não quiseram “arar com boi e jumento conjuntamente” nem “semear seu campo com mistura de sementes”; mantiveram-se separados, mesmo que isto implicasse em serem chamados de fanáticos, com visão curta, sectários e intolerantes.

Assim também lemos em Neemias: *“Os da linhagem de Israel se apartaram de todos os estranhos, puseram-se em pé e fizeram confissão dos seus pecados e das iniquidades de seus pais”* (Neemias 9.2).

Isto não era sectarismo, mas uma absoluta obediência. Sua separação era essencial para sua existência como povo. Não teriam podido gozar da presença divina estando em outro terreno. Assim deve ser sempre com o povo de Deus na terra. É necessário que os cristãos se separem, pois, do contrário, não somente serão inúteis, mas também doentes espiritualmente.

Deus não poderá reconhecê-los e nem marchar com eles se se unirem em jugo desigual com os incrédulos, sob qualquer terreno ou com qualquer objetivo que seja.

A grande dificuldade está em combinar um espírito de intensa separação com um espírito de graça, doçura e paciência ou, como alguém já disse: “Manter os pés no **caminho estreito**, com o coração **amplo**”.

E isto é realmente difícil. Pois, assim como a manutenção estrita e sem compromisso da **verdade** tende a estreitar o círculo ao nosso redor, assim também necessitamos o poder expansivo da **graça** para manter um coração amplo e nossos afetos vivos e calorosos.

Se contendemos pela verdade de outra maneira que não seja em graça, só apresentaremos um lado do testemunho e até mesmo o menos atrativo. Por outro lado, se mostramos a graça a expensas da verdade, isto demonstrará apenas a manifestação de um liberalismo vulgar a expensas de Deus: uma atitude muito indigna.

Assim, pois, no que diz respeito ao objetivo pelo qual se os verdadeiros cristãos nos unimos normalmente em jugo desigual com aqueles que, segundo sua própria confissão não são cristãos, veremos que, mesmo tratando-os com uma atitude amorosa, jamais se pode

alcançar um objetivo verdadeiramente divino e celestial transgredindo uma verdade de Deus.

*“Per faz aut nefas”*, isto é, “o fim justifica os meios” jamais pode ser uma divisa divina. Os meios não são santificados pelo fim, mas tanto os meios quanto o fim devem estar de conformidade com os princípios da santa Palavra de Deus; caso contrário, tudo redundará em confusão e desonra.

Resgatar Ramote de Gileade das mãos do inimigo podia parecer um objetivo muito digno para Josafá e ainda podia parecer ser ele um homem muito liberal, agradecido, popular e com um amplo coração quando, em resposta a Acabe, ele disse: *“Serei como tu és, o meu povo, como o teu povo; iremos, contigo, à peleja”* (2 Crônicas 18.3).

É fácil ser liberal e ter um coração amplo às custas de princípios divinos, mas como terminou isto? Acabe foi morto e Josafá a duras penas escapou com vida, além de ter naufragado quanto ao testemunho.

Vemos, pois, que Josafá nem sequer atingiu o objetivo pelo qual se tinha posto sob um jugo desigual com um incrédulo e, mesmo que o tivesse alcançado, este sucesso não teria justificado o seu proceder (4).

Nada pode justificar o jugo desigual de um crente com um incrédulo e, em consequência, por mais formosa, atrativa e plausível que tenha podido parecer a expedição de Ramote aos olhos dos homens, ela, para o juízo de Deus, representava ajudar ao ímpio e amar aos que aborrecem ao Senhor (2 Crônicas 19.2).

A verdade de Deus tira dos homens e das coisas o falso brilho de que querem revesti-los aqueles que se deixam levar pelo espírito da conveniência. A verdade nos apresenta a verdadeira luz e é uma graça infável ter o claro juízo de Deus acerca de tudo o que acontece ao nosso redor.

Isto confere calma ao espírito, dá firmeza à vida e ao caráter e nos livra da infeliz flutuação de pensamentos, sentimentos e princípios que nos deixa completamente ineptos para a posição de testemunhas firmes e coerentes para Cristo.

Certamente erraremos se intentarmos fazer nosso conceito segundo os pensamentos e opiniões dos homens, pois eles julgam sempre segundo as aparências exteriores e não segundo o caráter intrínseco e o princípio das coisas.

Contanto que os homens consigam o que eles julgam ser um objetivo justo, pouco lhes importa o modo de chegar a tal fim. Mas o verdadeiro servo de Cristo sabe que deve fazer a obra de seu Mestre segundo os princípios e o espírito de seu Mestre.

Ele nunca poderá estar satisfeito de alcançar o mais louvável objetivo a não ser que o faça por um caminho traçado por Deus. Os meios e o fim devem ser ambos divinos.

Admito, por exemplo, que é muito desejável e louvável o objetivo de propagar as Santas Escrituras, a Palavra pura e eterna de Deus. Mas se eu não puder propagá-las por outro meio que não for unindo-nos em jugo desigual com um incrédulo, deveria abster-me, pois não devo pensar em *“pratiquemos males para que venham bens”* (Romanos 3.8).

Mas, bendito seja Deus, Seu servo pode propagar Seu precioso Livro sem violar os preceitos contidos nele. O servo, sob sua própria responsabilidade individual e em comunhão com aqueles que estão verdadeiramente do lado do Senhor, pode propagar por todo canto a preciosa semente, sem, para isso, associar-se com aqueles cuja vida e conduta demonstram que são do mundo.

O mesmo pode dizer-se a respeito de qualquer objetivo de caráter religioso. Ele só pode e deve atender-se segundo os princípios de Deus.

Talvez se nos diga que a Bíblia nos diz que não devemos julgar, porque não podemos ler no coração das pessoas, que devemos esperar que todos aqueles que colaboram com boas obras, como a tradução da Bíblia, a distribuição de tratados e o apoio a obras missionárias, devem ser cristãos e que, portanto, não pode ser ruim nos associarmos com eles.

A isto respondo que dificilmente encontramos uma passagem no Novo Testamento tão mal compreendida e tão mal aplicada como Mateus 7.1: *“Não julgues para que não sejais julgados”*.

No mesmo capítulo lemos: *“Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas... pelos seus frutos os conhecereis”* (vv. 15 e 16).

Como podemos *“acautelar-nos”* se não exercemos nosso julgamento? Assim mesmo, lemos em 1 Coríntios 5: *“Com que direito eu haveria de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro? Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”* (vv. 12 e 13).

Aqui somos ensinados claramente que aqueles que estão *“dentro”* passam a depender imediatamente do julgamento da Igreja e, no entanto, segundo a interpretação comum de Mateus 7.1, não deveríamos julgar a ninguém. Esta interpretação, pois, é errônea.

Se as pessoas, mesmo as que o professam, assumem a posição de estar *“dentro”* manda-se-nos julgá-las. *“Não julgais vós os de dentro?”* E, quanto aos que estão *“fora”*, nada temos a ver com eles a não ser apresentar-lhes a graça pura, perfeita, rica, ilimitada e insondável que brilha com um esplendor inefável na morte e ressurreição do Filho de Deus.



Tudo isto é bastante simples. O povo de Deus recebe a responsabilidade de julgar aqueles que professam estar “dentro”; diz-se-lhe que se acautele com os “falsos profetas”; é mandado “provar os espíritos” (1 João 4.1) e como poderíamos atender estas exigências se não pudéssemos exercer juízo, se não pudéssemos julgar?

O que quer dizer, pois, nosso Senhor com as palavras: “Não julgueis”? Eu creio que Ele quis dizer precisamente o mesmo que o apóstolo Paulo disse pelo Espírito Santo quando nos mandou: “Nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não só trará a plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o Seu louvor da parte de Deus” (1 Coríntios 4.5).

O que não devemos julgar são os motivos do coração, mas devemos julgar a conduta e os princípios dos demais; isto é, a conduta e os princípios de todos aqueles que professam estar “dentro”.

E aqueles que dizem: “Não devemos julgar”, eles mesmos não deixam de emitir seus juízos. Não há nenhum cristão verdadeiro em quem o instinto moral da natureza divina não pronuncie algum juízo sobre o caráter, a conduta e a doutrina e estes são precisamente os pontos que estão dentro do âmbito de julgamento do crente.

Assim, pois, o leitor cristão tem o dever de exercer juízo sobre aqueles com quem se coloca sob jugo em matéria religiosa. Se ele, neste momento, estivesse trabalhando em jugo com um incrédulo, isto seria uma positiva violação do mandamento do Espírito Santo. Talvez o tenha feito em ignorância até este dia; se é assim, a graça do Senhor está pronta a perdoar e restaurar.

Mas se, apesar de ter sido advertido, persiste na desobediência, não é possível que possa esperar a bênção de Deus e Sua presença com ele, qualquer que seja o valor ou a importância do objetivo que se proponha alcançar.

“O obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1 Samuel 15.22).

.oOo.

# O JUGO DESIGUAL FILANTRÓPICO

Agora só nos resta considerar o aspecto filantrópico do jugo desigual.

Muitos poderão dizer: “Admito plenamente que não deveríamos unir-nos para o culto e o serviço de Deus com incrédulos, mas creio que temos a liberdade de unir-nos a eles para promover atividades de filantropia (5), como, por exemplo, para prover as necessidades dos pobres, distribuindo-lhes pão e roupas, para recuperar pessoas entregues a diversos vícios como alcoólatras e drogados, para estabelecer clínicas para cegos e manicômios, para fundar hospitais e sanatórios para a atenção de enfermos e feridos, para abrir lugares de refúgio para pessoas abandonadas e casas para as viúvas e órfãos; em uma palavra, para toda atividade que possa contribuir para melhorar o estado físico, moral e intelectual de nossos semelhantes”.

Belas palavras!

Se alguém me perguntasse o que eu faria se, andando pela estrada, encontrasse um carro atolado na lama e seu motorista me pedisse ajuda para desatolá-lo, eu responderia que certamente o ajudaria.

Mas se me perguntassem se eu quero fazer-me membro de uma sociedade mista de crentes e de descrentes que tivesse por objetivo guinchar veículos atolados, então eu responderia que não.

Não por pretender uma santidade superior, mas porque a Palavra de Deus me diz: “*Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos*” (2 Coríntios 6.14). E esta seria a minha resposta qualquer que fosse o objetivo de tal sociedade.

Ao servo de Cristo se lhe ordena: “*Estejam prontos para toda boa obra*” (Tito 3.1); “ *façamos o bem a todos*” (Gálatas 6.10); “*visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações*” (Tiago 1.27), mas ele deve fazer isto como servo de Cristo e não como membro de uma sociedade onde se admitem indistintamente descrentes, ateus e todo tipo de pessoas más e ímpias.

Devemos, ainda, lembrar que toda a filantropia de Deus está relacionada com a cruz do Senhor Jesus Cristo. Este é o canal através do qual Deus quer dispensar Suas bênçãos. É a poderosa alavanca por meio da qual Deus quer elevar o homem física, moral e intelectualmente.

“*Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o Seu amor para com todos* (em grego = filantropia), não por

*obras de justiça praticadas por nós, mas segundo Sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que Ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador”* (Tito 3.4-6).

Esta é a filantropia de Deus; esta é a Sua maneira de melhorar a condição do homem. O cristão pode colocar-se comodamente sob o jugo com todos aqueles que compreendem o valor deste modo de atuar, mas com mais ninguém.

Os homens do mundo ignoram tudo isto e não lhes importa esta maneira de agir. Podem procurar fazer reformas, mas são reformas sem Cristo. Podem promover melhorias, mas trata-se de melhorias sem a cruz. Querem fazer progressos de todo tipo, mas Jesus não é seu ponto de partida e nem o objetivo de sua obra.

Como, pois, um cristão pode colocar-se sob um jugo com eles? Eles querem trabalhar sem Cristo, Aquele a Quem o cristão tudo deve. Será que podemos ficar contentes trabalhando com eles? Podemos ter algum objetivo em comum com eles?

Se alguém me dissesse: “Precisamos de sua cooperação para distribuir roupas e alimentos para os pobres, para fundar hospitais e manicômios, para promover a manutenção e a educação de órfãos, para melhorar o estado físico de nossos semelhantes, mas o avisamos que, segundo um princípio fundamental de nossa sociedade, do conselho e da comissão que se formou para tal objetivo, o Nome de Cristo nem deve ser pronunciado, pois que isto daria lugar a controvérsias. Nossos objetivos não são religiosos, mas exclusivamente filantrópicos; portanto, a religião deve ser excluída de todas as nossas reuniões públicas. Reunimo-nos como homens para uma obra de beneficência. Assim, incrédulos, ateus, evangélicos ou católicos romanos e toda classe de pessoas podem unir-se alegremente sob o mesmo jugo de atingir o glorioso ideal da filantropia”.

Qual deveria ser minha resposta a tal convite? O fato é que, aquele que ama verdadeiramente ao Senhor Jesus e quisesse responder a um convite tão honroso, ficaria sem palavras.

O quê? Fazer o bem aos homens com a exclusão de Cristo? Deus não o permita! Se eu não posso obter os desejos da filantropia sem deixar de lado a este Salvador bendito que viveu e morreu, e que vive eternamente para mim, então fora com sua filantropia!, pois, certamente, ela não é de Deus, mas de Satanás.

Se ela fosse de Deus, a Palavra diz: “*Que Ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador*”, Aquele mesmo a Quem os estatutos de tal sociedade deixam completamente de lado.

Deduzimos, portanto, que tais regulamentos devem ter sido ditados por Satanás, o inimigo de Cristo. É o desejo de Satanás deixar sempre

de lado o Filho de Deus e, quando ele consegue que os homens façam o mesmo, lhes permite serem benevolentes, caritativos e filantropos.

Mas, fazendo justiça e em honra da verdade, tal tipo de benevolência e tal filantropia deveriam ser chamadas malevolência e misantropia, pois de que maneira mais eficaz poderia uma pessoa mostrar má vontade e aversão à humanidade do que deixando de lado Aquele único que pode bendizê-los para a atualidade e para a Eternidade?

Em que condição moral se encontra em relação a Cristo um coração que foi capaz de tomar lugar numa comissão ou numa plataforma com a condição de que o Nome bendito não fosse pronunciado? Seguramente este coração deve estar bem frio.

Não confundamos as coisas. Este é o verdadeiro aspecto em que devemos considerar a filantropia do mundo. Os homens do mundo podem *“vender o perfume por trezentos denários e dá-lo aos pobres”* (João 12.5), ao mesmo tempo que declaram que é um **desperdício** derramar o perfume sobre a cabeça de Cristo.

Pode o cristão concordar com este julgamento do mundo? Pode colocar-se sob o mesmo jugo com tais homens? Poderá pretender melhorar o mundo sem Cristo? Pode unir-se àqueles que buscam embelezar e enfeitar a cena que está manchada com o sangue de seu Mestre?

Pedro pôde dizer: *“Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em Nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!”* (Atos 3.6). Pedro quis sarar um inválido pelo poder do Nome de Jesus e o que ele teria dito se convidado a unir-se a um grupo de ajuda aos inválidos, mas com a condição de deixar completamente de lado este Nome?

Sem grandes esforços de imaginação, podemos conceber o que ele teria respondido. Teria repudiado com toda a sua alma tal pensamento. Ele sarou o inválido com o fim de exaltar o Nome de Jesus, de manifestar todo o valor, a excelência e a glória deste Nome aos olhos dos homens, mas a filantropia do mundo age justamente ao contrário, pois que deixa completamente de lado este bendito Nome e exclui a Cristo de seus comitês e programas.

Será que não temos direito a dizer: “Que vergonha que um cristão esteja num lugar do qual seu Mestre é excluído”? Que o tal saia dali e que, com a energia do amor de Jesus e com o poder desse Nome, faça todo o bem que puder, mas que não se coloque sob um jugo junto com incrédulos com o objetivo de resistir os efeitos do pecado excluindo a cruz de Cristo.

O grande objetivo de Deus é exaltar Seu Filho, *“a fim de que todos honrem o Filho do modo porque honram o Pai”* (João 5.23). Este também deveria ser o objetivo do cristão; com este fim, ele deveria *“fazer o bem a*

*todos*". Mas, se se une a uma sociedade ou a uma comissão para fazer o bem, ele não agirá "*em Nome de Jesus*", mas em nome da tal sociedade ou comissão, sem o Nome de Jesus.

Isto deveria ser suficiente para todo coração sincero e fiel. Deus não tem outro meio de abençoar aos homens a não ser através de Jesus Cristo, nem tem outro objetivo ao abençoá-los a não ser exaltar a Cristo.

Como nos dias de Faraó, quando as multidões de egípcios famintos acudiam a ele, Faraó lhes disse: "*Ide a José*" (Gênesis 41.55), assim também a Palavra de Deus nos diz a todos: "*Ide a Jesus*".

Sim, é necessário que procuremos a Jesus para a alma e para o corpo, para a atualidade e para a Eternidade, mas os homens do mundo não O conhecem e nem O querem. O que o cristão tem, pois, com eles? Como poderia ele trabalhar sob o mesmo jugo com eles?

Não o poderia fazer a não ser negando, de forma prática, o Nome de seu Salvador. Há muitos que não percebem isto, mas sua atitude em nada modifica a realidade das coisas.

Deveríamos atuar com honestidade, como na luz; e mesmo quando os sentimentos e os afetos da nova natureza não forem o suficientemente fortes em nós para fazer que rejeitemos de imediato o pensamento de colocar-nos nas fileiras dos inimigos de Cristo, a consciência, pelo menos, deveria inclinar-se ante a imperativa autoridade da palavra: "*Não vos ponhas em jugo desigual com os incrédulos*" (2 Coríntios 6.14).

Que o Espírito revista Sua Palavra do poder celestial e deixe mais cortante seu gume para que penetre na consciência, a fim de que os santos sejamos livres de todo entulho que nos impeça correr "*com perseverança, a carreira que nos está proposta*" (Hebreus 12.1).

O tempo se abrevia. Então, mais do que um jugo desigual será despedaçado em um abrir e fechar de olhos e ovelhas e cabritos serão eternamente separados.

Deus permita que sejamos capazes de separar-nos de toda associação impura e de toda influência profana a fim de que, quando Jesus venha, não fiquemos envergonhados, mas que possamos ir ao Seu encontro com corações alegres e com a consciência que nos aprove.

.oOo.

## NOTAS

**1) N. do A.** - Existem muitos casos de pessoas casadas que, embora não possam ser caracterizados exatamente como unidas em

“jugo desigual”, pode dizer-se que estão muito mal unidas. Seus caracteres, gostos, hábitos e pontos de vista são tão completamente diferentes que, em lugar de um equilíbrio sadio (o que seria possível mesmo com caracteres opostos sempre que se estabelecesse uma certa tolerância conveniente), vivem sempre em atrito, o que transtorna o círculo doméstico e desonra o Nome do Senhor.

Todas estas coisas poderiam ser perfeitamente evitadas se os crentes esperassem somente no Senhor e fizessem de Sua glória o objetivo primordial de seu coração antes de atentar para seus interesses ou afetos pessoais.

**2) N. do A.** – É importante que o cristão tenha em conta as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo: “*Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso*” (Mateus 6.22). Sempre que estivermos duvidosos quanto à nossa vida, teremos razões para suspeitar que nosso olho não é bom, pois que a perplexidade ou insegurança não é compatível com um “corpo cheio de luz” ou “luminoso”..

Muitas vezes recorremos a Deus em oração em busca de direção para assuntos com os quais não teríamos nada a ver se nosso olho fosse bom e nossa vontade estivesse submissa e, então, não teríamos necessidade de orar a respeito.

Orar por algo acerca do que a Palavra de Deus não é clara, deixa manifesta a atividade de uma vontade rebelde. É como notou recentemente um escritor: “Às vezes buscamos a vontade de Deus desejando saber como agir em circunstâncias nas quais não é Sua vontade que nos encontremos. Se nossa consciência estivesse verdadeiramente numa atividade sadia, seus primeiros efeitos seriam fazer com que abandonássemos esta situação. É nossa própria vontade que nos colocou na indecisão e nos agradaria gozar o consolo da direção divina num caminho que nós mesmos temos escolhido. Isto ocorre muitas vezes. Podemos estar seguros que, se estamos o suficientemente perto de Deus, não teremos nenhuma dificuldade em conhecer a Sua vontade... No entanto, “*se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso*”, de onde se pode deduzir claramente que, se o corpo não está totalmente cheio de luz, então é porque os olhos não são bons. Você dirá: ‘Isto é puro consolo’ e então lhe responderemos: É um precioso consolo para aqueles cujo único desejo é ter um olho bom e caminhar com Deus”.

**(3) N. do T.** – Uma sociedade comercial é “uma associação de várias pessoas (comerciantes, homens de negócios ou acionistas de alguma companhia) feita com o fim de proporcionar alguma utilidade”. Aqui podem ser incluídas as S. A. (Sociedades Anônimas) e as Ltda. (Sociedades de Responsabilidade Limitada).

**4) N. do A.** – O jugo desigual resultou ser uma terrível armadilha para o amável coração de Josafá. Com Acabe ele se pôs sob um jugo religioso (2 Crônicas 18.3) e, apesar do fim desastroso do projeto, veio-lo unido novamente agora com Acazias com um fim comercial, que resultou igualmente em perda e confusão (2 Crônicas 20.35-37). Finalmente, assumiu um jugo militar com Jorão (2 Reis 3.7-27).

**5) N. do T.** – Que é filantropia? A palavra “filantropia” (com seus derivados filantrópico e filantropo) significa “amor ao gênero humano”. Filantropo é “pessoa que se distingue pelo amor a seus semelhantes e por suas obras de bem para a humanidade”.

A filantropia, isto é, o amor aos homens, é o sentimento que tem a intenção de dispensar favores aos homens, de servi-los, de procurar a sua felicidade. Esta inclinação social adota diferentes formas: simpatia, benevolência, beneficência, etc. A defesa dos índios, a luta contra a discriminação racial ou social e contra o trabalho escravo, o clamor pela tolerância e contra a tortura são alguns exemplos típicos deste sentimento que tem animado a homens generosos que têm trabalhado para o bem dos homens sem conhecê-los.

Em o Novo Testamento só aparece a palavra “filantropia” em Atos 28.2 e em Tito 3.4 com o mesmo significado que aparece nos dicionários comuns. O Autor julga aqui este sentimento não conforme os critérios humanos, mas conforme os princípios da Palavra de Deus.

**.oOo.**